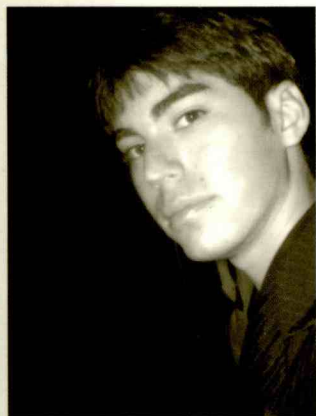


Versos Versáteis

Leo Barbosa

ideia



Leo Barbosa nasceu em João Pessoa (PB), em 31 de julho de 1990. É escritor, poeta e estudante de Letras. Em 2008, aos 18 anos, lançou "Lembrança Perseverante" (poesia), seu livro de estreia. Em 2009 iniciou o projeto denominado "Difusão Perseverante", que consiste em propagar sua poética, e estimular o gosto pela literatura através de conversas em instituições públicas e particulares. Em 2010, aos 19 anos, começou a escrever para o jornal "Correio da

No amigo da poesia,
Soares Feitosa

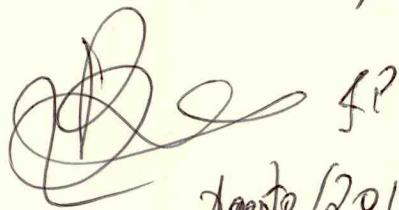
Versos

Versáteis

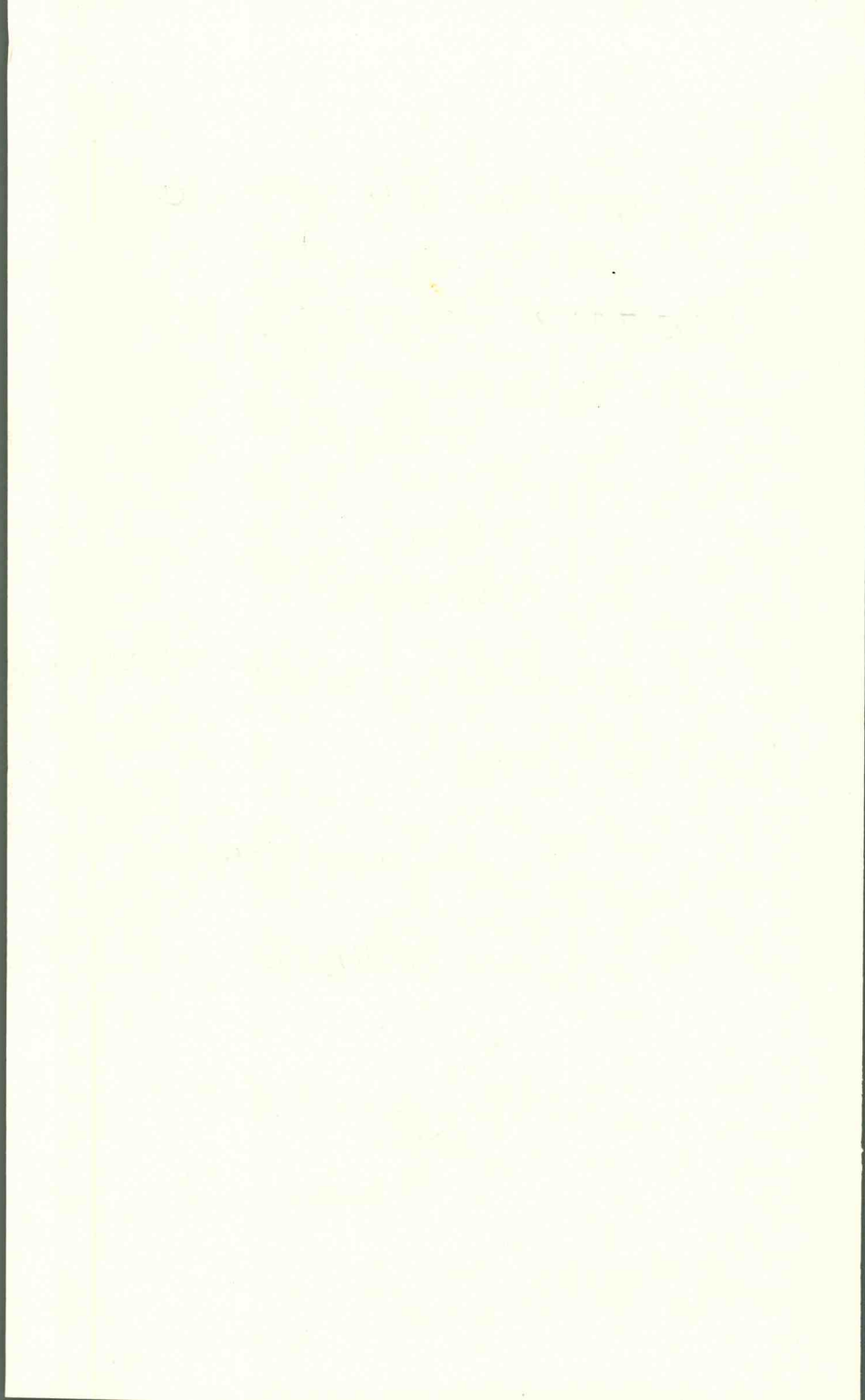
Que estes versos versem
sobre você!

Com admiração,

Um abraço,



Agosto/2013



Leo Barbosa

Versos
Versáteis

Ideia
João Pessoa
2010

Todos os direitos e responsabilidades do autor.

Editoração Eletrônica
Magno Nicolau

Capa
Chico Pereira

B238v Barbosa, Leo.
Versos versáteis / Leo Barbosa. - João Pessoa: Ideia,
2010.
107p.

1. Literatura brasileira - poesia

CDU: 869.0(81)

Contatos:

escritorleobarbosa@hotmail.com
www.twitter.com/poetaleob
Página do autor : [http://recantodasletras.uol.com.br/
autores/leobarbosa](http://recantodasletras.uol.com.br/autores/leobarbosa)



Editora Ltda.
(083)3222-5986
www.ideiaeditora.com.br
ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

A vida soprou vivências
Preocupadas com as formas espirituais
E assim, fez das fases
Processos de continuidade...

III- No templo do tempo

Chuva de mim	43
A paisagem da passagem	44
Charme da solitude	45
Estátua do silêncio	46
A farda das dores	47
Revestido de nova idade	48
O trocadilho das épocas	49
Memória dos anos	50
Com passo	51
Tecido transcendental	52
O templo do tempo	53
Baú das vivências	54
Ressonâncias da alma dançarina	55
Casos da casa	56
Um quê que não sei de mim	57

IV- Laboratório

Mensageiro	61
Arcos de aço	62
Angélico	63
Música Lúcida	64
Consoante Cardíaca	65
Quinto turno	66
Formação	67
A mente do coração	68
Espelho sem reflexo	69
A jardinagem na herança	70
Devolvendo-me	71
Braço de lucidez	72
Olhares a mim	73
Do eu ao caçador	74

Banda de boca	75
Tribunal dos pronomes	76
Subterfúgios do vestido	77
Fazendeiro	78
O cortinado	79
Aparente destino	80
Inventário	81
La'cre	82
Pedágio do presságio	83
Aspirina	84
O que é oculto?	85
Organocarne	86
Arqueologia	87
Fascículo	88
O Deus de mim	89
Laboratório	90

V- A prima da Erótica

Liberta sacanagem	93
Noite sensorial	94
Caricatura de leite	95
Abr'ela	96
Desacato a amorosidade	97
Protesto de gozo	98
Clamor da retenção	99
Nuança da vontade	100
Chama chamante	101
Como se regenerar depois do orgasmo?	102
Expelir o elixir	103
O clima do clímax	104
O Lado B	105
Beijo-flor	106
Cópula versátil	107

100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200

Poeta de fins sem fim

Ao iniciar esta crônica à maneira de prefácio, tive de ser tão versátil quanto o autor do livro: oscilando, com razão firme, entre o que escreve-se de poesia no Brasil depois das pós-vanguardas e as conversas de escritores à beira dos rios Sena e Tamisa no final do século 19. Ou vice-versa, pois em Leo Barbosa a perfeita (des)ordem dos poemas importa mais que as definições impostas pela cronologia. Alguns de seus poemas podem ter sido escritos nos últimos anos 20; outros, quando a crítica descobrir que já está no ano 2020. A partir desta verificação, permita-me discorrer em prosa o que são os novos versos desse autor que entrega à literatura brasileira mais um porto seguro para a poesia.

Claro que não tenho a intenção de sintetizar nem ampliar o conteúdo de “Versos versáteis”, pois não estou em transe crítico nem sou teórico de futebol. Os dribles aqui são do autor, em seus 80 poemas divididos em cinco séries: “Versos versáteis”, “Na morada do amor”, “No templo do tempo”, “Laboratório” e “A prima da Erótica”.

Uma obra de arte – que está diante de seus olhos – não deve ser avaliada pelos fins no lugar dos meios. Nunca gostei do suposto pragmatismo de que o fim justifica os meios, até porque a arte da literatura é superior à da política. É preciso filosofar, sim, para compreender algo que foi definido na longínqua primeira década do século 19 por Samuel Coleridge,

em sua "Biografia literária". Ele foi o primeiro a fazer crítica literária baseado na filosofia, apontando a poesia como ambiguidade resultante de uma tensão intensa entre impulsos opostos. Coleridge escreveu: "Os críticos estão aptos para esquecer que as regras não são senão meios para um fim; conseqüentemente onde os fins são diferentes, as regras também o devem ser".

Os fins dos "Versos versáteis" de Leo Barbosa são diferentes, como proposto no título do livro. Tanto que são fins sem fim. Basta perceber as entrelinhas do final do poema que encerra a primeira série ("Versos versáteis"): "Uma vez quis ser / Um ser versátil e belo / Espero voltar a querer".

Como reforço de que estou a filosofar para prefaciá-lo, além de Coleridge, cito Mário Quintana: "Um poema não é também quando paras no fim, porque o verdadeiro poema continua sempre". Desafio qualquer leitor a encontrar neste livro de Leo Barbosa (o segundo) um só poema que não continue sempre.

Neste sentido, "Ressonância da alma dançarina" termina quase como um micromanifesto, um desnudar-se desafiador do poeta paraibano: "Em mim se avizinha a terra de quem enterra / - a espera. Tudo isso comove e locomove / E sendo assim, ponho a face versátil".

O homem que estuda, pesquisa, lê, observa o mundo e as pessoas que nele habitam, quando cria não é somente artista, poeta, professor ou pensador. Ele é tudo isto ao mesmo tempo: pai, mãe e filho de si mesmo, pois o Cosmos é íntegro. É aí que Leo Barbosa não deixa sua versatilidade na teoria, ao ter na prática um amplo entendimento da nossa natureza, mesmo dela duvidando, como traduz nestes versos: "Uma parte de mim / É permanente / Essa outra parte / Muda - de repente! / Traduzir-se

/ Uma parte / Pela outra / É uma arte / Sempre em questão" ("Traduzir-se"). A dúvida e a versatilidade de Leo Barbosa são sábias. Com sua arte, questiona-se para nos questionar.

O autor domina (como poucos novos poetas no Brasil) o entrelaçamento de seus quereres, saberes, dúvidas e certezas. Ou "gritos e sussurros"? Isto porque vejo o cinema de Ingmar Bergman em algumas de suas imagens. O entrelaçamento não é cronológico, como deixou transparecer numa conversação. É conceitual. Assim, versos separados no tempo da feitura e no espaço do livro impresso deixam o melhor impacto de sua obra: a ambiguidade. Volto a Coleridge: resultado de uma tensão interna entre impulsos opostos. A tensão entre o velho e o novo, como se o próprio autor fosse uma alma velha num corpo novo.

O entrelaçamento conceitual de Leo Barbosa é bem explícito em versos como estes:

em "Baú das vivências" - "O velho é confiável
/ O novo - incerto / O velho é pedra / O novo
é montanha / Engraçado, concomitantemente
/ Tropeçamos nas pedras";
em "Tecido transcendental" - "Curvatura do
novo versus velho, / Em meio às pedras há
muita vida".

Leo Barbosa tem uma incrível capacidade de aprofundar o que recebe como superficial para transformar em poesia. Ele consegue seduzir qualquer leitor, mesmo o mais crítico, chamando-o para compartilhar um clima entre os pontos de equilíbrio e mutação. Um exemplo está em "Com passo": "Diariamente a gente se abraça / Com a vida, dançamos / Até ela errar o passo / E passar para a morte".

Mesmo sem fazer um acompanhamento

permanente da atual produção poética no Brasil, tenho informação suficiente para entender o como e quanto pode-se destacar a obra de Leo Barbosa. Seus poemas não têm a tonalidade do “contestatoriamente correto” ou do “hiperpósmoderno” de grande parte da produção contemporânea. É um poeta que não procura o aplauso fácil de um lado e a consagração crítica de outro.

É por essas e outras coisas (estão nas entrelinhas que são tão bem tratadas quanto o imediatamente claro) que não há redundâncias numa poética tão versátil e ao mesmo tempo unitária como a produzida por Leo Barbosa. Mesmo versátil, ele evita uma literária Torre de Babel. Não deixa que o caos das tendências estéticas sacuda seus poemas para um “buraco negro”. Enfim, são versos versáteis; nunca inconstantes nem volúveis.

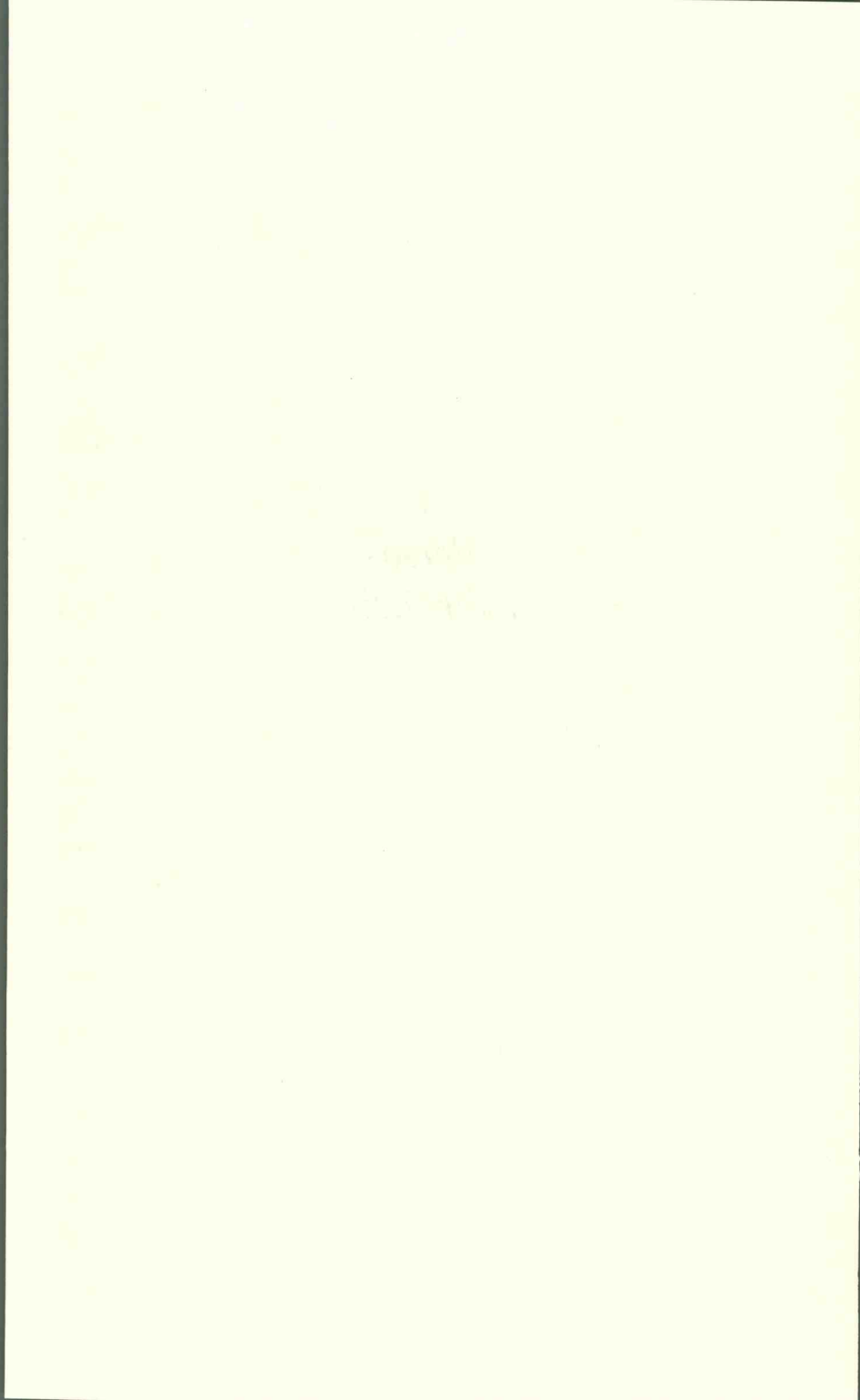
Em ornitologia, definem-se como versáteis os dedos das aves que se dirigem para trás ou para a frente. Os versos de Leo Barbosa não têm o que está à frente nem atrás. Eles desenvolvem-se em círculos e fora de qualquer círculo.

O domínio da linguagem é tão grande que na série dos 15 poemas eróticos que concluem o livro, Leo Barbosa não cede à mesmice de alguns poetas e chega ao patamar onde estão os melhores. Vejam e sintam: “A gozagem é metafísica do físico / Metalinguístico sucumbidor ao penetrar / Todas as carências de si mesmo”.

Evitou ser xerox de algum poeta consagrado para poder ser Leo Barbosa.

Carlos Aranha,
membro da Academia Paraibana de Letras,
em julho de 2010

I
Versos
Versáteis



TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
É todo mundo
Outra parte é o mundo
Profundamente meu

Uma parte de mim
É multidão
Outra parte é sensação
De um vazio tumultuado

Uma parte de mim
é poesia
Outra parte
um versado neutro

Uma parte de mim
é pensamento
Outra parte ponderamento
sobre o que é ser gente

Uma parte de mim
alimenta-se
Outra parte
passa fome de sanidade

Uma parte de mim
é permanente
Essa outra parte
muda - de repente!

Traduzir-se
uma parte
pela outra
é uma arte
sempre em questão.

RETALHO DAS FORMAS

O vazio é ocupado
pela presença da indiferença
Retalhos do descuido
- afetado

O homem recolhe o recado
que sua alma necessitada
exprime caoticidade
- uma cidade rebelada
por um afeto negado

E, dorme-se na forma dos sonhos
Os travesseiros são hóspedes
quando pedem a essência
quando perdem a inocência
de se sentirem com "cabeças".

ESTRANHECIDO

Venho desde onde
quis ser-me
cativante de longe
estranhado de perto

Caso exista-me
tenho precaução de saber
lapsos remanescentes de ilusões
limitam o coração como ninguém.

BUSCA DO AUTO-EU

Nem sempre me desfaço porque quero
em mim se desprende tristezas e alegrias
Nas cercas do meu cerne eu padeço
mas, a convalescença surge nas
encruzilhadas

Fronte a fonte plácida e sucinta
na qual flutuo eu e os princípios bóiam...

Na ambição incessante inteirado fico
porque o vocábulo que busco
não me completa, não me decifra,
por conseguinte, existe a cifra.

**EPITÁFIO POÉTICO (AOS
"ANTEPÓSTUMOS" POETAS)**

Na lápide do sepulcro
o epitáfio deve ser afiado
murmúrios de que poesias iriam vir
todavia, não jaz o cerne
de cada verso revestido de disfarce

Pena plena de edemas do silêncio
Escritos tidos como medalhas

Talha aqui uma vida de poeta
onde na estrofe reta, caminhou
pelos vales das obras completas.

CURVA PARA O ENGANO

Atalhos de um beijo
de um dilema, - queixo
A chuva segue lavando
o caminho íngreme
Juntos na saída, enquanto
o desfecho desemboca em mim

Pensar custou-me tantas curvas
plantado - enraizando o ilusório
A estrada deseduca os fracos
confunde os enamorados
e quanto a mim?
só vivo de atalhos.

USUFRUTO

Um fruto num topo de árvore
não é mais doce que o do chão
Estico os braços, tateio o caule
Piso nas raízes que se confundem
com meus pés em adubo;
sou excremento da minha vontade
de ser folha velha em vento leste.

O RE-VERSO

Contrárias regiões de um dia-meio
de uma inversa feira-segunda
e o que dizer de uma direta meia-noite?

Quem dera ser um contraste claro
uma haste sonâmbula pendendo o céu
talvez supondo teus encantos delgados nus
serem nossas grossas fossas de infanta carícia

Bem... No trovejar do mês de julho
entrelaçadas sombras no horizonte ter juro
produtos duma funesta festa
- Zelasas mãos, mães dum contra-haste.

ANTI-TESE

Na verdade
sou a mentira
contada de forma
verdadeira

Na mentira
sou hiperbólico
como muitas propagandas
de antenas parabólicas

No sonho
sou o sonho de padaria
consumido por um faminto
que sempre sonha em comer

No livro
sou a frase aparentemente
sem nexos, mas que
ao menos é extraída

Na música
sou a melodia desafinada
que cria um novo jeito
de dançar

Na noite sou o negro
esbranquiçado pela luz, luar
pedindo o aconchego
das estrelas

Na modéstia
sou modestamente
modesto para não ser
presunçoso

No amor
sou a dor do prazer
mesclado com o rompimento
da separação

Na vida
sou o alcoólatra
beijando uma garrafa
de aprendizado

Na poesia
sou o fim do início
e o início do fim
findando o infindável.

PREVISÃO METEORO-LÓGICA

Hoje!
Meteoros vão cair;
A lógica?
É para baixo.

VARIAÇÕES DA INSPIRAÇÃO

Toda vez que sopra a inspiração
retenho mais, além do pensamento
No entanto, silêncio evade
porque estou possuído
pelas variações do que tenho a dizer.

VERSOS VERSÁTEIS

Sobre o fatigado coração
repousa um espírito condensado
Uma alma encarnada
a qual nada se fez

Uma vez quis ser
um ser versátil e belo
espero voltar a querer.

II

Na morada do amor

1847

PODER AMOROSO

O amor que **LÊ**
a vida

O amor que **ESCREVE**
a vida

O amor que **LAPIDA**
na vida

O amor que **SOFRE**
na vida

O amor que **FAZ**
a vida.

ADOÇÃO DA ALMA

É esquiva tua presença em carne
É permeável a esquina da tua alma
porque meu deleite apenas pode ser onírico

Há um único pecado cometido,
sobrepor ausência tua no físico
Nossa cópula é espiritual

A cada encontro eu sofro
Por pulverizar a isca adotada
É a solidão... A certeza de só te ter

E mesmo assim; receoso
caminho entre a angústia destes versos
e a insensatez de todo universo.

CLASSE DOS BEIJOS

Não quero beijos pobres
que vão de porta em porta
Não quero beijos ricos
que são gastos sem preocupação
Quero beijos da classe média
que mediante a vida afora
dão os beijos em quem adora.

RUDE AMOR

Rude amor, borboleta pousada
Pousada na flor incolor
Enquanto, borboleta? Colorida

Rude amor: cólera pondera
Precipitaste nem perto nem longe
Na noite indecorosa, relutante

Rude Amor - Até me levaram
no sereno observa a dor
Agora volta a ser, crisálida.

BANDEIRA BRANCA

Por que esse amor sem trégua
traz-me tanta mágoa
lacerando o seu órgão?

Amor, ou eu, ou você
Render-me-ei pungente
Deitado no que se sente.

CORAÇÃO DO AMOR

Lança das dores
Pedra contornada
Espírito condensado
- na morada
A mente é nada.

FLUÍDO DO AMOR

Sobre o céu o amor fruía
Fagueira nuvem acomoda o anjo
No extremo do azul celeste - venturosa graça
Via eu sempre as restantes vagas
O acalantar das estrelas - dantes reluzentes

Ora velava, ora alva era: mera frieza
Apenas uma semideusa futurava-me
Esta denominada: noite de pré-destinação
e como saudava temendo o vindouro
Pondo-me primordialmente um êxtase
exaltado

E o que falar do sereno? Serenava-me
mas, seu canto feliz revelou: desilusão
Às vezes castrada, às vezes imbuída no
"ciúme"

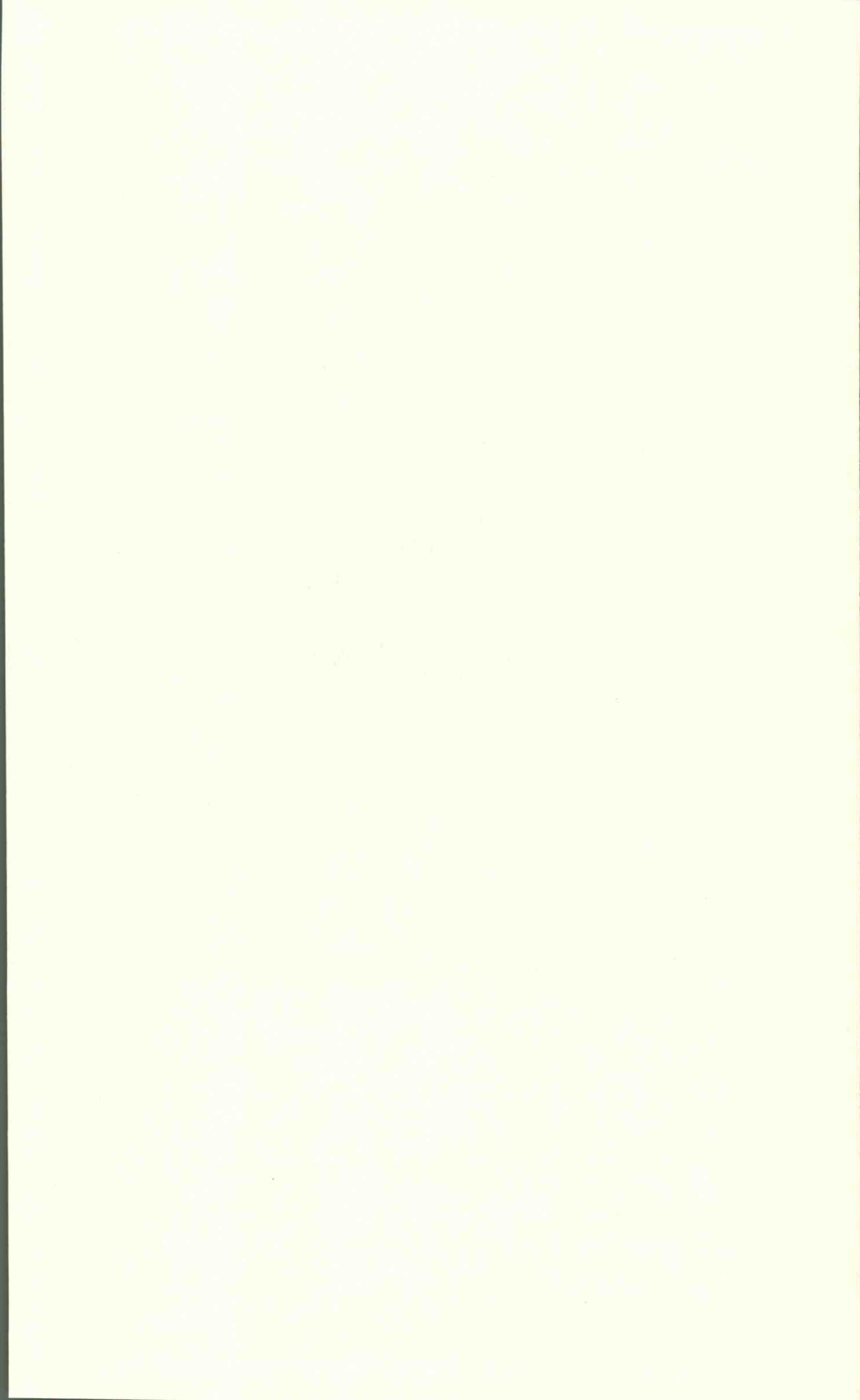
Sim... Porém o anjo que prelúdia
É, na verdade, um Deus há consolar o dia.

ERRATA DO AMOR

Ter-te amado foi inclusa errata
dum amor permeado de reentrâncias
- o toque, o elo, o feromônio
Tê-la fez-me uma ânsia
anciã quando a tarde se despediu
e todas as palavras engatilhadas
engatinharam
por ser eu errôneo, por ser eu medo
medonho.

III

No templo do tempo



CHUVA DE MIM

Percebo o quanto a vida é:
breve quando se vive e,
longa quando se espera

Nas convicções de quem venera
toda ação é sentida, inda as
bem-aventuranças sem andanças
traga-nos um pleno bocejo

Desejo as tempestades do espírito
para que mais tarde possa eu
trovejar um pranto; de alegria
Tanto quero que deixo chover palavras.

A PAISAGEM DA PASSAGEM

Há atividade dúbil de percepção mental
consciente da alma e incerta do espírito
Sentidos desdobrados ao exterior - avesso
Avesso, avesso ao interior; desconheço

A paisagem dos versos convenientes
forma o mundo interno do momento
Por que o dia de chuva é mais triste?
Se o sol é mais análogo ao que sinto...

Resulta a astuta passagem de estado
se faço do sonho pouco da vida
isso convida a viver-me morto
Absorto na circuncisão da folha.

CHARME DA SOLITUDE

Era azul a transparência, solapado era o dom
O ano de 2008 como uma borboleta, preta
que aos poucos se dominava de cores
- Transmutação na travessia jovem

Meta, meta... Metamorfose pós-interior
a qual fundiu o sobreestimar de si mesmo
Limites surdos, cegos, mas andantes

Oferto as minhas descobertas da breve vida
por um infindável preço às intempéries,
se tu queixas das tuas dores
dá-me a companhia quando solitário eu
estava
e ficas acompanhada com um charme da:
- Solitude.

ESTÁTUA DO SILÊNCIO

Ao selar o silêncio
esta tua estátua
translada o estacionário
sustenta um enlevo ruim

Enquanto um cacho
de amargura pende
o de repulsa eleva
pelo teu provocado desgosto

Eternamente eu acho:
o vil disfarce
da tua ternura
foi encarar eu, e perdura.

A FARDA DAS DORES

Chega um tempo onde não se fala mais:
Que bom meu Deus!
porque agora se fala adeus
Hora que não se diz: meu amor
Hora que se fala ai que dor
porque o amor tornou-se inútil
e os olhos já não choram mais
e o coração que canta chorando
As mãos perdem o toque
A mente enche de vácuo

Em vão batem na porta com o coração oco
Ficaste sem nada, o fogo esfriou...

Mas o brilho nos teus olhos derrota a sombra
Já nem se sabe mais o que é sofrer
pelo cansaço das labutas foste acostumando

Abusou do velho gosto do desgosto
e nada se aceita de amigos - estranho
Teus ombros suportam o mundo dos outros
mas, desmancha o teu próprio.

(Poema escrito entre os 13/14 anos)

REVESTIDO DE NOVA IDADE

Não tenho corriqueira forma
Ando como quem disperso
vai estabelecendo, aos poucos, normas
despindo, despedindo-me do meu ex-Eu

Com o passo do coração
às vezes rápido, às vezes lento
Sem, portanto, parar; viajo
Concepção de quem poetiza; eu acho
A razão faz de mim um ledó.

E aceito atitudes cujas tragam virtudes
e faço refulgir feito aço
Sem fugir do meu lado microscópico -
palhaço.

O TROCADILHO DAS ÉPOCAS

A vida perseguiu os pobres poetas
A morte alcançou os poetas, pobres
Com uma tenacidade sombria,
os poemas vivem ainda hoje

Neste impassível trocadilho de épocas
Onde no geral o sentimento é o mesmo
Uma vida romântica, parnasiana, simbólica
Arrogantemente moderna - ultramoderna

Todos eles entregaram vida e morte
só para não nos darem o silêncio
só tornar as dores numa arte-fato.

MEMÓRIA DOS ANOS

De repente, entardeceu
O gorjeio dos pássaros
rememora-me o vácuo do tempo

O peso dos anos já o suporte mais
Exercitei perante as verdades
quando a idade da vida diminuiu

Momentos bons, maus e, indiferentes
Dentre eles alguns têm guarida
o restante tem história mendiga

Anoiteceu e é hora de dormir
Ressoa o ensejo de querer mais
porque tenho a incerteza de ter o amanhã

E ao chegar da manhã
renasce junto a ela
uma vontade de namorar.

COM PASSO

Diariamente a gente se abraça
Com a vida; dançamos
Até ela errar o passo
e passar para a morte.

TECIDO TRANSCENDENTAL

Essa transcendência da mudança
no tecer da ausência e presença
ou nos pontos cruciais das chegadas e saídas
É: ora sei lá, ora sei cá, demais

Curvatura do novo versus velho,
em meio às pedras há muita vida.

O TEMPLO DO TEMPO

A idade nos encobre
numa sonda árida do tempo
mas, a vivência distinguiu a alma do corpo

Uma fagulha de experiência toca-te o rosto
nuns momentos que corroeram a altivez
Altivez dos anos nos voos da relevância

A vida aqui se passa, rebobina
formando um volumoso cacho de sapiência
para desfrutarmos das antes torturas.

BAÚ DAS VIVÊNCIAS

Reviras! Este baú reminiscente
num descontentamento indignado
quando encontras atrás, passado

A chave até então, tanto corroída,
fazes questão de causar-lhe ruptura
embora insistas em remexer
este baú não traz mal nenhum
se permanecer fechado...

O velho é confiável
O novo - incerto
O velho é montanha
O novo é pedra
Engraçado, concomitantemente
tropeçamos nas pedras.

**RESSONÂNCIAS DA ALMA
DANÇARINA**

A um só tempo, multiplicado, móvel
Mobilizado no que quis ser e sou
Ressoa em mim, também o indesejável

Na câmara do meio psicológico
entretido entre ter tido a visão filosófica
- Maneira de vida; vida maneira

A minha interação com o momento é vital
tal como quem busca o alento da utopia
Eu quero as ressonâncias da alma dançarina

Em mim se avizinha a terra de quem enterra
- a espera. Tudo isso comove e locomove
e sendo assim, ponho a face versátil.

CASOS DA CASA

A casa na qual vivi
para mim há muitos anos
é misturada por patologias arcaicas
inda hoje haverá de arcar
então, os nossos quebra-cabeças
terão as cabeças quebradas

A casa era tarde, noite, manhã
Nela inexistia madrugada
Enquanto se dorme
meninos não transitam
fundem-se nesse turno

Talvez não seja meu lugar
nem lar, nem morada
apenas labores descarregados.

UM QUÊ QUE NÃO SEI DE MIM

Não sei se meus olhos
combinam com meu corpo
Meu corpo adolescente
sente a nulidade da idade
Sem rebeldia estruturada
em rugas as quais busquei
e nelas mostram-se os locais
Onde antes eram lágrimas
ficam sendo orvalhos

Eu valho tanto quanto os talhos
porque nos atalhos o tempo é:
Desperdício.

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

IV

Laboratório

1871

MENSAGEIRO

A guia dos olhos
faz que'u regozije-te
faz regozijar-me
no pleno estar
no mundo nosso

Por trás do êxito
por frente êxtase
Crendo porque crença
crema os inconvictos

Um serestar habita
a órbita do recôndito
Desafiando-nos a...
Não perder o saber/sabor
das longas horas

Rumo à imortalidade
rumino do literal
ao litoral do literário
nas ondas do "marior".

ARCOS DE AÇO

Abraço cansado das vezes
em que se revoltaram
por receberem outro d' aço

Braço sem raça
Traço sem graça
Praça sem banco

Baço embaçado - sem víscera
inserido uma asa depenada
ausente de pena - sente nada

Maço será amassado
Mas, cem coisas contidas
serão fundidas entre'las

Março, mês em que arco
se eu coar todos os vícios
e dar início às virtudes.

ANGÉLICO

Teci detalhes de degraus
e disse: cite a jornada
No jornal da retrospectiva
foi ativado um quão de vida

Não somos tontos, mas temos
e tememos nossas tonturas
Detrás delas; possibilidades

A sina é sino do chronos
mas, lembre-se de algumas coisas
somos donos.

Devido as causas dos fardos
Divida o que não lhe cabe
A parte da arte, das lascas

Havemos de ter ar, se tivermos
- arte, por isso que o contrário do
Contrário é tecido - e assim
terá tear.

70

MÚSICA LÚCIDA

Violino violento do mais puro linho
recobrou o quero tinha no baile
while my heart hear your soul
soou a retina malograda

Um lábio de lado oposto
toma o posto postando um tango
Dança, dance, dançando e dançou
e quem é que me acompanha?

In my mind the passage is now
when the music take a shower
Em minha mente a passagem é agora
Quando a música tomar banho
e quem é que me acompanha?

O hino viu que o lento tinha
um leito com orquestra afônica.

CONSOANTE CARDIACA

Põe em mente o poema poente
o que sente e não sabe
o que diz, rediz, desdiz duas vezes
e vai indo sequestrar a poesia introspecta

Detecta a métrica das consoantes cardíacas
Hasteia o emblema enigmático
É o vocábulo da subjetividade
atrelada a pessoa do mim

Domingo é semana
que se inicia pelo fim
Quem emana a poesia
não sabe o começo; esquece enfim.

QUINTO TURNO

Há teias debaixo da minha mesa
voam elegantes pela tessitura
mas, bem que eu queria dormir, bem
mas, algo me chama, retira da cama
Noite inteira sem hora e cobertura

Se durmo - perco a noção de turno
Abro então a porta e na soleira enxergo
Enxergo cacos parcos
São as minhas economias
e as aranhas continuam tecendo...

FORMAÇÃO

Gravo um cravo de agravo
na reta perpétua da meta.

A MENTE DO CORAÇÃO

Estou dividido em frações
de significados. Renuncio a mim mesmo.
Torno o retorno das palavras
- mera explicação de um ausente do cosmos

É como se o desgarramento proposto
fosse um escarro de desgosto
Um intróito de pólos, ditames
A viagem que age investigando...

É a mente dúplice:
A que reboa o sensório
e a que vigora o senso

Coração tríplice:
Inventa emoções velhas
Traz um vento moderador
e faz do amor uma chaga.

ESPELHO SEM REFLEXO

Teu espelho não revela o envelhecer
por enquanto, se andares pela passarela
Passa tu pela mocidade;
Impressora da face são as rugas

Nunca vi reflexo perplexo
Vi já as penumbras no peito
e no preto do coração...
- a beleza que veste a constância

Então, tenhas cuidado
porque o rosto é morto quando desvelado
porque em cada lado quem vislumbra
é a imagem do que foi tocado.

A JARDINAGEM NA HERANÇA

Não queria deixar aqui o que não vivi:
Pescaria de imagens, sons e metáforas
Cestos apanhados com mãos de colheita
deixando eflúvios das partes que amei
Em parte, através da palavra que seduz
mas, acho que estou conseguindo
manter o tudo não vivido
e o nada – o qual não naveguei

Eu não me atrevo a arrancar trevos
porque enquanto estiverem ao solo do sol
ficarão desmemoriados da treva
e a relva florescerá reservada
a quem tiver a sorte de ser poeta

Se eu digo: – é uma flor
e não a vejo – algo há de ser narciso
são meus olhos sem siso algum
Dentre quatro folhagens estão as fases:
Infância minha, adolescência minha,
 adultoscência minha
e velhice a quem caducar as caducifólias.

DEVOLVENDO-ME

Dança a criança envolta
do invólucro da minha esperança
Em contradança, infância crescida
vai em busca d'algo que decida
pôr de vez cortinas em pensamentos mortos

Corto os eleva dores situados
pois, devo sair inteiro, por inteiro
dando pontos finais em quem quis
quis que eu fosse co-autor

A hora ora - clama compasso
- no descanso desse tempo há cansaço
de quem de tanto dormir
teve que cumprir tudo ao cúmulo lado.

BRAÇO DE LUCIDEZ

A asa reboa por saber
que o vulto oculto em mim
emana as suas imagens
freneticamente ritmada
frui a canção do vento

Tento um intento sonâmbulo
onde fiz perto da lareira
visões duma ladeira
de declive tático

Não sei, não sei e não sei
se passo um traço
quando um braço de lucidez
passar.

OLHARES A MIM

Senhor, por favor, diga-me o que é meu
Senhor faça-me senhor de mim
Traz-me a mim, leva-me daqui
porque se há dicotomia na vida
é a de ser senhor e servo de mim

Em um patamar de sofrimento
sinto abstrações existenciais - lemas
lemas, lemas e lemas que me lembram
da maior vocação minha - explorador
aquele expedidor da alma própria

Entre tantos e tantas posso resumir:
Meu ínfimo é a dualidade do ser e do estar
Estou na contiguidade para legitimar a minha
apresentação. Então, direi - prazer
pensei que nunca iria te ver
Um dia...

DO EU AO CAÇADOR

Minha fragilidade é talhada
quando descubro os limites
e vou encobrindo de coragem
de coragem encobrindo vou
os abismos das fraquezas minhas

As partes que complementam
são os lados do fazer, do ser
sendo libertador de umas imagens
assim, interligando a palavra

Lavra em mim silêncios
Há larvas de desconforto...

Existem vozes com cordas poentes
as quais laçam meus defeitos
lançam uma visão sobre mim.
Pegarei essa lança e as cordas
para caçar mais qualidades.

BANDA DE BOCA

Banda de boca chia
na incompletude do som
escorre gargalhando ironia
como se ruim fosse bom

A criança pensa em papai Noel
O escritor em prêmio Nobel
O santo diz a deus
O egoísta diz: meus

Chia a boca de banda
do som a - incompletude
Ironia escorre gargalhando
como se bom fosse ruim

Papai Noel pensa em criança?
Todo escritor é nobre?
Todo "santo" vai ao céu?
Quando o egoísta fala teus?

TRIBUNAL DE PRONOMES

Éramos três: eu, me, mim
Eu mentiu para mim
que me deixou um nó
Nó que formou nós
que deu a voz a vós
que se meteu na história
Foi teu que chamou você
o qual te deixou lendo o tu do poema.

SUBTERFÚGIOS DO VESTIDO

Despi despoticamente minhas vestes
para pôr uma fantasia, a fantasia
Numa posição utopia, noutra trapos
Fico contido no cetim explícito e subtraio
para somar a metafísica com a
metalinguagem

Encarcerado pensei que a empatia
fosse a unção da filosofia com o cristo
fosse uma intercomunicabilidade enfática
porque os cinco sentidos são
reações da alma atrelada a mente

O universo tem universo
Gira em torno da transcrição
que traduz o transitório e o reflexo.

FAZENDEIRO

Amarras que brotam
sob a rota remota
Remontam-se garras
servidas a ceifa

Aceitando em consonância
com a compatibilidade,
Inativa quando o céu
recusou o semblante ante
o meu penúltimo tom

A vida em distinção
A vida em extinção
agrupa tantos tantos
fazendo que sejamos
fazenda descosturada.

O CORTINADO

Invisibilidade que distancia
de forma imprecisa
a faixa das esperanças, vontades, saudades
Penso se penso no mundo
se essas cogitações apenas existem
para aqueles com opressão espiritual

Quem quiser fazer diferença
deve estar disposto a lida da vida
a qual nos obriga a lê-la e escrevê-la
Deus pode ser condensado num copo d'água
quando minha sede for maior que;
a vontade de me banhar num rio

O cortinado é paliativo para esconder
imperfeições
Há de tomar poeira no menor dos descuidos
O essencial são as janelas
nelas os anelos são a vista.

APARENTE DESTINO

O destino tece as marcas
arcando fases místicas
pois, suas lentes são lúcidas
mesmo estando em corpo senil

Urgente são os recomeços
como aquele beijo, que faz
aquilo. Escape temporal.

O destino usa óculos
O destino tem bem gala
que deixa prenha a ocasião.

INVENTÁRIO

Eu degusto da angústia
para destilar a verdade...
Acordar os acordes da viola
cujos violam os anos nus

Acredite, o homem presta
na sua presteza - em prestações
Já posso dizer que tenho reservas,
Elas estão em conservas, mas não sei
não sei mais em qual depósito estão

A sintonia que passa pelas minhas veias
é uma fábula: surge num urgido
das artérias - estavam de férias
dessa vez circulam feito feras.

*Horizonte não deixa de ser horizonte
Se olhado na vertical.*

LA'CRE...

Vi cartas de outro naipe
não reconheci o insight
and in my mind god is good
good is the gold, if are god's

Virei o espelho - imagem intolerada
tentei ver o que em mim era sublime
lines, times, life, live and learn
- Dormi no vestiário de rostos

Noutros games há quem geme
mas, o mister sacral é:
A autenticidade de reassumir vida
no que é real, no que não é resumo.

PEDÁGIO DO PRESSÁGIO

Tais sinais são prenúncios
de uma vida que matina
cá dentro ponho um eixo
deixo que'le me ascenda
acendendo o recomeço

Sinais iniciais de dicionário
tradutor de gestos, confesso
Interligados pelo externo
a semente muda, e se a mente
se faz muda, se desaduba

Sinal - canal de Deus
no qual assiste com visão
de um futuro imediato
- enquanto na janela vital
viso um sol,só meu.

ASPIRINA

Fui na vivência um feiticeiro
Fiz de uma parte um inteiro
mas, tive a fraqueza de encarar
os fantasmas da sepultura
então, suturei o receio

Na morte o que é sorte é coragem
Eu era poeta também, porém aspiraram
aspiraram a minha inspiração
- um anjo me disse: cancela teus medos
então, percebi que a chancela era o remédio
porque, os meus fantasmas têm asma.

O QUE É OCULTO?

Sempre alguma coisa oculta fica
A carne conciliada cicatriza o corte
regenera o espírito estrangeiro
obrigando na paz que o legado não seja
negado

Lânguido sangue vem no vento
com a geração da indefinida idade

Roga a vida outra órbita, estação, galáxia
liquefazendo o que há em mim
sanando a ebulição que há em si
Casa é instrumento raso quando recobre
a aragem do meio-mangue, do meio...
O óbito no plano se despedido.

(Coisa alguma fica oculta sempre)

ORGANOCARNE

É preciso organizar o medo sentido
para ter sentido.
Quando o tempo trazer
ampulhetas virginais
entremos com remos
pois, nem tudo que temos
já é nosso - o que é osso
Precisa ser encarnado
para alimentar a própria carne.

ARQUEOLOGIA

A sentença é tensa
se convence o homem
a ser museu da alma
porque no tumulto há inspeção
do que deve escolher, permanecer
como raridade sem antiguidade.

FASCÍCULO

Madurando, madura, durando
ando incerto, isento, incenso
inserto...

Acerbo, há servo, sou eu
soou eu, suo eu, sou aresta
seresta, fresta, festa nesta
besta vida besta; contemplo...

Liberdade; puberdade, hiperatividade
Ministro, administro... Íntimo
Onze vozes velozes eclodem
por doze bronzes por via dose
faro'eu faro'este, farejo

Cariri com brejo - sertão beijo
Bingo! Pingo! Minha gota a gota
no oceano. Esgotada. Silente
Nada mais, mas nada, senão bóia.

O DEUS DE MIM

O Deus que me surge
vem com aparência
de um ser pluralizante
que conjuga a carne em verbo

O Deus que vem aparente
traz a patente do mistério
que faz da palavra uma gravação
torna os meus nos teus

O Deus que me incorpora
transforma o agora em afora
transforma o afora em agora
O Deus é quem eu permito.

LABORATÓRIO

No telhado, um vento suspira
Entre sussurros os filhos são concebidos
depois, vêm as dúvidas divididas
pela raiz do silêncio e do profundo

Tranças na face, vestígios nas mãos
não só o sol rachou o trilho do tempo
Temo que o pássaro morra antes de cantar
temos tantos defeitos para consolar

Ainda estou chovendo,
porque na minha íris irá reflexo
e na redoma de índole
vou ausentando o medo

(É no escuro que curo a luz)

V

A Prima da Erótica



LIBERTA SACANAGEM

Devaneio do beijo
despejado na sua boca
Vendi minha língua
ao teu tesão

Agora, bem estimulada
esquece que sou
apenas um menino
de rápida libido
perdido eu,deleitado imagino

Entre as camadas cutâneas
na busca de degustar
pouco do ávido desejo...
Cintilante, o meu membro
expressa a pressa
de encontrar o seu: - templo.

NOITE SENSORIAL

Em qual noite o homem
toca os seus sentimentos?
O clarão matinal esconde-os
o fervente sangue; o frio
Combates de razão e irrazão...

Em qual noite o homem
guarda seus sentimentos?
Correntes tênueamente sobre os raios
da fogueira genital derramada
derramada sob a amada

Em qual noite o homem
ignoto de suas sensações
luta contra um beijo
percorrido bem abaixo do queixo
Foge longe do que? Some?

CARICATURA DE LEITE

Meu sexo outro sexo nunca viu
Meus lábios, teus lábios, lábios
Nunca tocaram na junção sôfrega
nem outras mãos vão fazer teu ser
as tuas...

Meu coração jamais bateu como naquele
momento onde exalei eflúvios,
Prazenteiros, aromas duma doce pele
e ninguém como alguém vai fazer-me perder
os brios...

Não apreces a prece do deleite
aprecia-me neste leite
arranhando-me o peito, (gemidos)
Agora entendo a tua ventura
mas qual o porquê da tua pintura?

ABR'ELA

Toquei entre teus quadris
películas firmemente flácidas
Troquei por elas as películas róseas
a nada de Gá ocultadora de um ponto fosco
abaixo um bosque; alçapão pro passarinho

As carnes superiores tão trabalhadas
as quais quando exercitadas formam picos
e o que falar daquela minha parte
já tantos nomes que ela/ele possui

Por isso Gabriela, nos bosques
busque a madeira, coma o passarinho
abra a sua bodega, e me entrega
o perfume do seu grito, a essência do seu Pl...

Ito.

DESACATO À AMOROSIDADE

Perdidas foram às vezes que te fiz amar
sem recolher o coito da meia-noite
talvez te vi em contrárias lembranças
passando na retumbante firmeza

Amei-te e como! Não pedia mais que isso
de repente, o salientar da enganação
mostrou-se
fazendo-me criar o desfecho do inexistente
sim... Falo do teu amor, regido por descrença

Inúmeros episódios da minha cegueira
num chamego de quer, ou, não queira
selvagem, animalesco só pode ser
nem isso, nas crias há muitas mães zelosas.

PROTESTO DE GOZO

Retendo alguma vez o desejo
detendo-se a arder até as veias
sem pronunciar um protesto de gozo
as tuas mãos esquecem de voar, e pousam
no meu colo dormem os lúbricos lábios...

Deixe-os entreabertos
para linguar a minha tensão
assim... Acompanhe a morte da avidez
Essa minha exposição; liberta sacanagem
é como os teus seios que:
frequentemente mudam de casa.

CLAMOR DA RETENÇÃO

Meu corpo pede e assim: resisto
Meu corpo dá ordens e assim: cedo
Tentando resistir, ele pelos sonhos...
pelos sonhos persegue-me suplicando
uma necessidade - antro-po-fisico-lógica.

NUANÇA DA VONTADE

Nua és tão bela quando desnuda
desnuda és um tato cegueiro
Nua és um olfato selvagem
circundante, voraz, chamariz

Nua és: noite fazendo amor
tens estrelas nos seios, flamejantes
Nua - manhã fazendo sombra no sol
como o verão derretendo por si

Nua és frágil, cristal imoral
Flor exalando o perfume, hum...
Rio interiormente correndo até nascer à
vontade
uma árvore comendo o fruto próprio

Como se pode desapropriar o corpo nu
Nu corpo despido de ingenuidade
Como o céu nas nuvens
Como os peixes no mar.

CHAMA CHAMANTE

No tempo de amar-te não ousei
na carne tentadora do gozo.
A gala resvala pela vala do pudor
aplacando a sede da alma sem ceder o corpo

A minha lânguida boca ainda
- Esbraveja de tesão
de consumir-te sem alarde
é tarde... Fores doutro insano

Não mais neste ano, espero
travar a chamejante chama
que o chamariz do chafariz
convida-nos a renasceres intacta.

COMO SE REGENERAR DEPOIS DO ORGASMO?

Como se regenerar depois do orgasmo?
nesse intervalo que a áurea borra
a expulsão do clímax revela o não exílio
libertando uma forma aparte da timidez

Que flutuante sensação a sussurrar no ouvido
análogo a um falo vazio e um clitóris cheio;
essa questão seria a mesma resposta de...
O que fazer entre um verso e outro?

Comer mais, gozar mais, de novo, outra vez,
nova-mente.

EXPELIR O ELIXIR

Rios e rios rindo de gozo entre as pernas
é como tu, é como tu ficas quando eu te
Penetro

Dentro de mim desemboca o desejo
que almeja ser expelido na vulva
na curva mais dobrada do teu corpo
Sorvo-o

Se até no éden o roçar das folhas te excita
então, minhas intenções te esmorecem
porque meu olhar basta!
Soluciona todas as tuas asneiras
de quem quer se posicionar de todas
maneiras

Beira o desfile do falo
pois, a grande glande lambe
qualquer esporro de libidinidade
ainda sobra tempo para:
Penetrá-la, sorve-la de todas
maneiras.

O CLIMA DO CLÍMAX

Prepúcio preposto prepucionalmente
emite o testemunho do testículo latente
atente para o sêmen que sai
inocente de encontro aos lábios hábeis

A próstata faz a proposta de compulsar
enquanto o pênis assimila o fervor do escroto
trabalha incluso no canal roto
mete culosa mente o púbis roça.

O ducto ejaculatório está implodindo
O sexo treme temente do fim do estopim
e chora por querer o re-fluxo.

O LADO B

Teu seio tem sob um traço
Senti, vi isso quando rasguei teu vestido
Será um sinal? Foi minha ânsia?
O que já passou no teu sexo?
O que ficou de nexo?

Mexo nas tuas vulvas
Nada de vulgar no corpo
Sorvo cada suspiro geral

Não sei, de repente a cama
ficou pequena para teu gozo
então, variamos cada vontade

Ejaculando não sou mais o mesmo
peso menos, mas a carga revolta
Agora será outro a te amar
Dance, até o lado B do sol.

"BEIJO-FLOR"

Se é beija-flor
Se for pica-flor
de flor repica
e trinca flor
Flora chupa
se o dedo-flor

Só resta saber
se beija
pica
chupa
deda
despetala flor.

CÓPULA VERSÁTIL

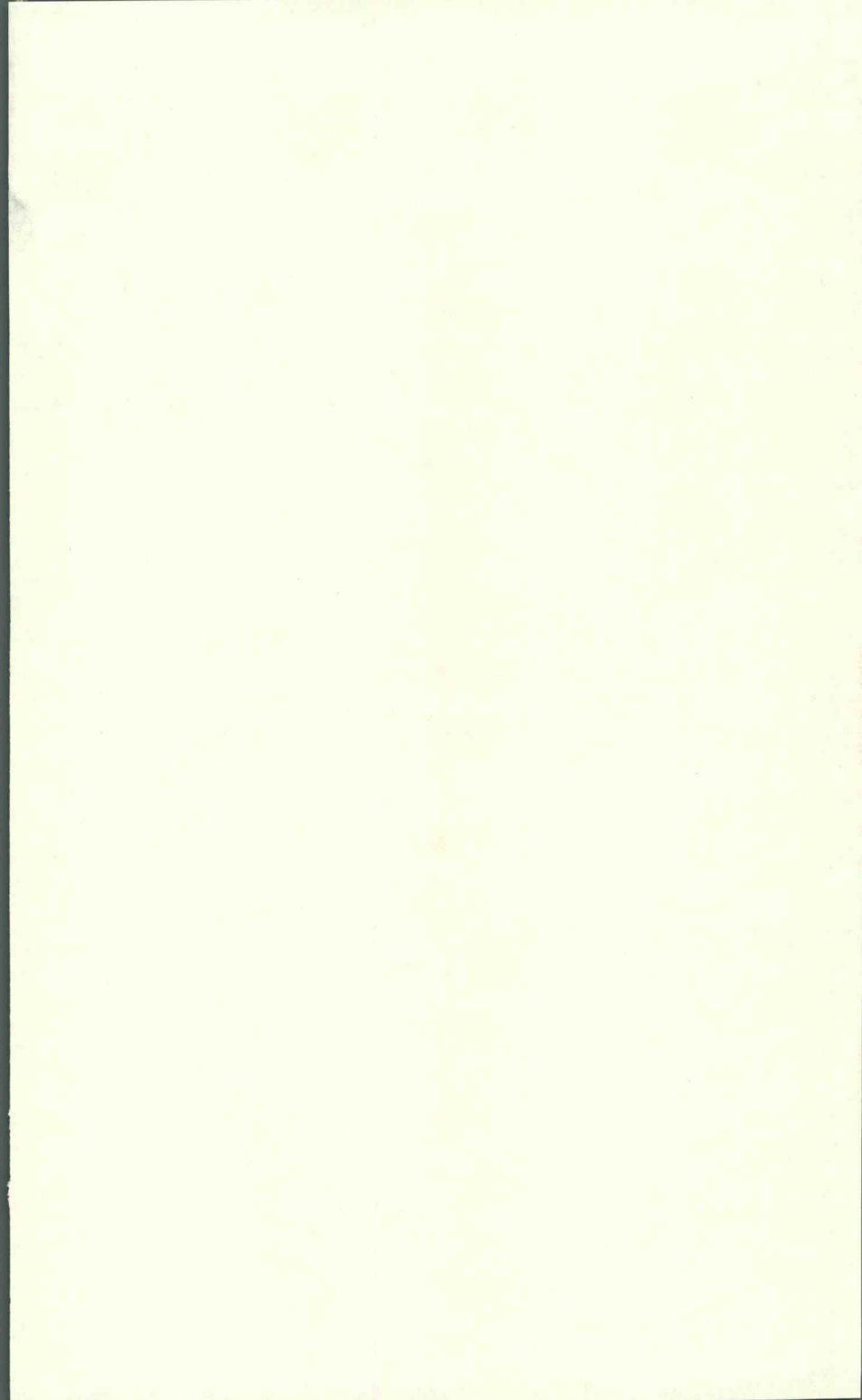
Poetar é transar com as palavras
e bravas são as libertinagens inventadas
A cada verso o sexo é diverso

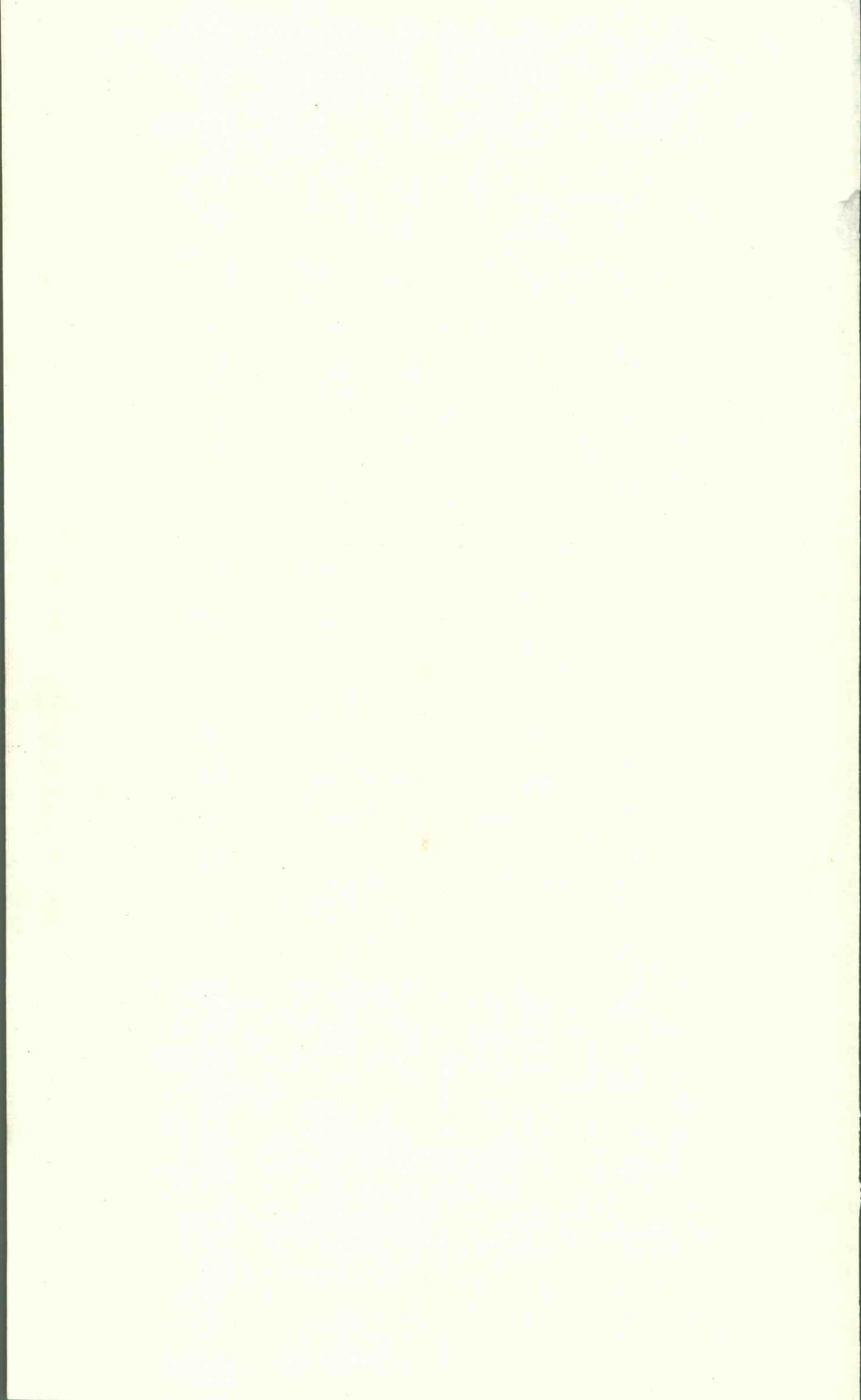
A gozagem é metafísica do físico
metalinguístico sucumbidor ao penetrar
todas as carências de si mesmo

Mudo a posição do que há em mim
Mudo, quando estou a explorar...
gozo quando chego ao final de verso.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

The following information is for the use of the
 Board of Trustees and the Faculty of the
 University of Chicago. It is to be read in
 connection with the report of the
 Committee on the University's
 Financial Position for the year ending
 June 30, 1954.





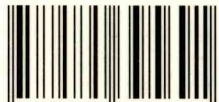
Paraíba" como colaborador. Muitos dos seus poemas já foram encenados pelo grupo de teatro e dança Argonautas, e trabalhados em escolas e faculdades. Agora, em "Versos Versáteis", se reinaugura com temas que lhe são bem próprios. Nesses versos será possível o leitor caminhar por um turbilhão de interpretações em temas variados, tais como: amor, limitações, medos, mudanças, temporalidade e erotismo.

USUFRUTO

Um fruto num topo de árvore
não é mais doce que o do chão
Estico os braços, tateio o caule
Piso nas raízes que se confundem
com meus pés em adubo;
sou excremento da minha vontade
de ser folha velha em vento leste.



ISBN 978-85-7539-569-1



9 788575 395691